

# Na outra margem do Ocidente havia um índio

Os nativos do Novo Mundo são o tema do segundo ciclo de conferências sobre os 500 anos do Descobrimento do Brasil

Sérgio Augusto

**E**stá fazendo 493 anos que os europeus viram o primeiro índio brasileiro ao vivo e a cores. Chamava-se Essomericq e era um carijó, ou seja, um mestiço, meio branco, meio tupi. Levado pelo normando Paulmier de Gonneville, viajante e comerciante de pau-brasil, desembarcou em Paris ao cabo de uma viagem que nos foi relatada, seis anos atrás, por Leyla Peronne-Moysés, no livro "Vinte luas". Que idéias e imagens a passagem de Essomericq suscitou no Velho Mundo? Que utilidade (cognitiva, ética e prática) pode ela ter para nossas atuais relações com os índios? A professora da USP vai em breve saciar nossa curiosidade. Ela é um dos participantes do segundo ciclo de conferências sobre os 500 anos da descoberta do Brasil que daqui a um mês começa no Rio e em São Paulo, sempre sob os auspícios do Núcleo de Estudos e Pesquisas da Funarte, que acaba de lançar os textos da primeira rodada de palestras, editados pela Companhia das Letras.

## No Rio, sessão de abertura será dia 11 de setembro

Com o título geral de "A outra margem do Ocidente", o segundo ciclo terá como protagonista os emplumados nativos que portugueses, espanhóis e franceses encontraram nestas bandas no século XVI e os efeitos que esse contato teve sobre as culturas do Velho e do Novo Mundo. Choque de civilizações, espanto e deslumbramento, catequese e escravidão, rebelião e sincretismo, absorção e massacre — serão estes os principais temas em questão, entregues à sapiência e à sensibilidade de uma dúzia de professores e antropólogos brasileiros, coadjuvados por oito franceses, dois americanos, um inglês e um peruano.

Mas na sessão de abertura, marcada para 11 de setembro no Rio e três dias depois em São Paulo, quem primeiro terá a palavra será um xamã ianomami, Davi Kopenawa, que aos presentes dará lições sobre os espíritos da floresta. Se as gestões em andamento derem certo, outro atrativo extra nos espera: a exposição de um manto tupinambá do século XVI, emprestado pelo Museu Nacional da Dinamarca. Só existem mais cinco dessas sagradas e vistosas



DETALHE DA gravura "América, 1589", de Theodore Galle e Jan van der Straet, que retrata um conquistador e uma índia: relação debatida no ciclo da Funarte

vestiduras no mundo — duas na Itália, uma na França, as demais na Bélgica e na Suíça — todas daqui levadas por viajantes do século XVI.

Quanto aos índios, só existem hoje cerca de 280 mil (ou 0,2% da população brasileira) espalhados por 563 terras indígenas (ou 11,9% da extensão do país) e expressando-se em pouco menos de 200 línguas diferentes. Refletir e discorrer sobre eles, diz o professor Aduino Novaes, organizador do ciclo, é falar de nós mesmos, pois deles somos reflexos, e é falar também da História do Ocidente, profundamente marcada pela descoberta do "bom sel-

vagem", por cuja inocência Erasmo, Thomas Morus, Montaigne, Montesquieu, Voltaire, Rousseau e outras poderosas mentes europeias se deixaram enfeitiçar. Apenas sobre esse fascínio pelo estado natural em que nossos índios viviam — sem servidão, nem propriedade, nem violência gratuita — haverá duas conferências, uma do ex-ministro da Cultura Sérgio Paulo Rouanet e outra do professor Sérgio Cardoso.

A julgar pelos resumos das conferências, as mais promissoras, além das citadas, são as do antropólogo americano Michael Joseph Heckenberger, estudioso das comunidades do alto Xingu;

do historiador francês Serge Gruzinski, que sabe tudo sobre os astecas; do mestre em ciências religiosas da Universidade de Paris X-Nanterre, Patrick Menget; do poeta, escritor e etnólogo francês Jacques Meunier; e do etnólogo Pascal Dibie, *expert* em sacanagem e autor de um estudo antropológico sobre o quarto de dormir, traduzido alguns anos atrás pela Editora Globo, e que naturalmente abordará um aspecto afinado com a sua área de interesse: o erotismo de nossas Cecis, só notado e explorado por um visitante de antanho, o marquês belga Wavrin.

Tentando derrubar a crença de

que só os astecas, maias e incas forjaram uma civilização digna deste nome, Heckenberger lembrará que nas últimas três décadas acumularam-se provas da existência de formações complexas e de grande porte em certas áreas da bacia amazônica antes da chegada de Américo Vespúcio & cia. Quão grandes e complexas não se sabe ao certo. De todo modo, os ameríndios eram bem menos brancos e mentalmente impermeáveis do que os calvinistas estimavam. Até latim muitos deles aprenderam. O antropólogo Pierre Clastres espantou-se com a sutileza como eles puseram e regularam a questão do poder po-

lítico, como entenderam os riscos mortais do excesso de mando para a coesão do grupo. Também mostraram-se imaginosos e inovadores como estrategistas militares (tema da palestra do professor da Unicamp John Manuel Monteiro) e sobretudo criativos do ponto de vista artístico. A participação das elites indígenas mexicanas na Renascença, inspirando artistas florentinos, é um fato comprovado sobre o qual o professor Gruzinski dará detalhes, partindo da experiência do Colégio de Santa Cruz de Tlatelolco, onde, por volta de 1530, missionários incentivaram a elaboração de uma literatura em língua asteca.

## A teoria do etnólogo Meunier sobre os primeiros brasileiros

Quem disse que eles não têm História? Para Menget, a inexistência de uma História de nossos silvícolas do ponto de vista deles — o que vale dizer, do ponto de vista dos vencidos — não se explica pela ausência de testemunhos, mas por uma propriedade curiosa das sociedades indígenas: "Elas não fundam sua razão de ser coletiva sobre a existência de antepassados, não estratificam seu passado segundo uma ordem genealógica ou dinástica e não ordenam os acontecimentos partindo de um ponto de origem até nossos dias". Se ela pudesse ter sido escrita, saberíamos hoje mais coisas sobre elas, os colonizadores, os escravos negros, e até mesmo sobre os "primeiros brasileiros", que, a se acreditar na tese de Meunier, não foram os mamelucos, mas aqueles pequenos grumetes normandos embarcados e disciplinados debaixo de chicote, que se transformaram em *truchements*, intérpretes das tribos, e por elas acabaram sendo adotados.

Co-patrocinada em São Paulo pela Itaú Cultural, a série de 28 conferências "A outra margem do Ocidente" vai de 11 de setembro a 3 de novembro, no Rio, e de 14 de setembro a 5 de novembro, em São Paulo, nos mesmos locais onde as inscrições estarão abertas: a partir do próximo dia 20 no Itaú Cultural em São Paulo (Avenida Paulista 149) e do dia 21 no Palácio da Cultura no Rio (Rua da Imprensa 16), quando o livro da Cia. das Letras com as palestras do primeiro ciclo será lançado oficialmente. Assistir a toda a série custará apenas R\$ 30. ■